

Mulheres vigiam câmpus da USP

LINA DE ALBUQUERQUE

Seu sonho é ser uma "Julietta Tuma". Enquanto isso não acontece, a agente Dirce de Oliveira faz estágio na Divisão de Operação e Vigilância da Universidade de São Paulo (USP). Ex-secretária, Dirce é uma das 20 mulheres vigilantes que zelam pela segurança do câmpus da USP. Elas chegaram à universidade com a missão de combater os estupros, mas seus encargos se ampliaram. Hoje, as "deltas", como são chamadas pelos colegas do sexo oposto (os "alfas"), também perseguem ladrões de toca-fitas e reprimem adeptas do topless no clube da USP.

Elas andam armadas com walk-talkies. Por meio deles, entram em contato com os outros 70 vigilantes do sexo masculino na universidade e com a Polícia Militar. Embora não portem revólveres, muitas não temem arriscar a vida pela segurança de cerca de 90 mil pessoas que circulam diariamente pela USP. A "delta" Dirce, por exemplo, já perseguiu um ladrão de automóvel da entrada da USP até o final da Avenida Vital Brasil. Viu-se diante de uma pistola calibre 38, mas conseguiu escapar. "Não era a minha vez", diz ela. Dirce fala sério quando diz que está apenas estagiando na USP. "Queria mesmo era entrar para a Polícia, mas como ainda não passei nos testes de admissão, vou ficando por aqui."

O sonho de Dirce é o pesadelo de outra "delta" da USP, Marli Alves, de 24 anos. Casada e com uma filha de um ano, ela não tem saudade dos tempos que foi "polícia" de verdade, há três anos. O que mais a incomodava era o estigma da profissão. "Detestava ser chamada de soldada", confessa.



Mônica Zarattini/AL

Dirce (à dir.): sonho de se tornar uma "Julietta Tuma"

"Aqui, pelo menos, sou segurança do câmpus". Marli é uma voz desafinada no coro das destemidas guardiãs da USP. Prefere ficar fechada numa sala da administração, controlando o serviço das demais vigilantes, a envolver-se em peripécias com bandidos e perseguições de motocicletas. As "deltas" transitam pela USP sempre em dupla ou a bordo das "betas", as motos modelo CG-125 da segurança.

"As 'deltas' conseguiram reduzir o número de estupradores no câmpus", acredita Paulo Roberto Amaral Barbosa, diretor da Divisão de Operação e Vigilância da USP. Elas

recebem informações de outras mulheres e juntam os dados para traçar o perfil dos estupradores. Muitas vezes, com a ajuda da equipe masculina e da PM, conseguem localizá-los. Tudo por um salário de Cr\$ 50 mil — superior ao dos estudantes de mestrado bolsistas do CNPq, que ganham Cr\$ 32 mil por mês — e amor à profissão. Para ser "delta" da USP é preciso ter o segundo grau completo e não ser gorda. "As obesas não têm a agilidade que a natureza da profissão requer", diz Paulo Roberto Barbosa. Por isso, elas também aprenderam a ser vigilantes do próprio peso.

Polícia pretende indiciar líder da Igreja Universal

SALVADOR — O bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, será indiciado no inquérito que apura mortes por afogamento num ritual de batismo coletivo da seita na madrugada de sábado em Salvador. Pelo menos três pessoas morreram no episódio: o "obreiro" (aprendiz de pastor) Edeneilson Oliveira, o soldado da PM Abmael Santos, cujo corpo ainda não foi encontrado, e um jovem que permanece sem identificação.

Várias testemunhas e parentes das vítimas estão sendo ouvidos pelo delegado para apurar as responsabilidades pelas mortes. Há suspeitas de que o número de afogados seja maior. Equipes do Salvamar, do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar continuam procurando desaparecidos, mas o mar agitado tem dificultado a operação.

O pastor Everaldo Amorim, juiz de direito da Vara Criminal de Menores de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, acusado de convocar o culto na Praia dos Artistas, não compareceu para depor na 9ª Delegacia, protegido pela Constituição estadual que lhe permite falar em "foro privilegiado". Os fiéis que prestaram depoimento ontem confirmaram ter havido um "batismo coletivo".

A "obreira" Valdeci Junqueira, há dez anos na seita, entrou em estado de choque ao lembrar da tragédia. "Sempre vi batismos nas piscinas da igreja", disse Valdeci, "mas no mar foi uma coisa muito triste, com as pessoas se afogando e gritando por Jesus."